

LER IMAGENS NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS ESCOLARES: QUESTÕES QUE NOS PERMEIAM

Rafael Marques Gonçalves¹

“O conhecimento das imagens, de sua origem, suas leis é uma das chaves de nosso tempo. [...] É o meio também de julgar o passado com olhos novos e pedir-lhes esclarecimentos condizentes com nossas preocupações presentes, refazendo uma vez mais a história à nossa medida, como é o direito e dever de cada geração.” (FRANCASTEL, 1973)

Neste artigo apresento alguns dos caminhos que tenho buscado trilhar nos/com os aspectos teórico-metodológicos de pesquisa em educação a partir do uso e debate sobre as imagens, bem como suas diversas possibilidades de aproveitamento naquilo que almejamos estudar. A inserção nesta temática e estudo toma por base muitas outras discussões tecidas por diferentes grupos de pesquisa no Brasil, destacando o fato de que os estudos nos/dos/com os cotidianos (Alves e Oliveira, 2008), buscam dar centralidade a vida cotidiana, ao que nos é corriqueiro, e potencialmente recheado de múltiplos sentidos, tenho buscado percorrer as pistas e trilhas que estes são capazes de nos fornecer, e com isso propor discussões, a partir de diálogos com Alves e Oliveira (2010), Alves (2001) que trazem em seu bojo o uso das imagens no/do cotidiano escolar enquanto recurso metodológico.

Dialogando com as noções dos estudos nos/dos/com os cotidianos busco tecer as redes necessárias para a compreensão das singularidades das práticas escolares cotidianas, a partir de imagens fotográficas captadas no/do cotidiano escolar. Entendo as fotografias como fontes de pesquisa, buscando ressaltar uma criticidade e um viés criterioso para sua compreensão e com ele fazer emergir diferentes potências de

¹ Professor da Universidade Federal do Acre (Centro de Educação e Letras - Campus Floresta). Doutorando em Educação pela UERJ/ProPEd. Líder do Grupo de Pesquisas em Memórias, Identidades, Currículos e Culturas – GpMICC/CEL/UFAC. Membro do GT 12-Currículo da ANPEd e da Associação Brasileira de Currículo – AbdC. Bolsista CAPES. E-mail: rafamg02@gmail.com

trabalho, a partir das imagens cotidianas, sendo assim o objetivo deste trabalho é tecer uma discussão sobre o uso da imagem fotográfica frente as (in)certezas que se tem em nossos sentidos sobre os modos de *se fazertecer* conhecimento com imagens nos/dos/com os cotidianos escolares.

Sobre o cotidiano...

Pensarviversentir a pesquisa em educação junto a autores e noções teóricas que buscam dar centralidade às ações realizadas pelos sujeitos como principal potência na legitimação do conhecimento produzido, torna-se necessário um deslocamento conceitual com a maneira de *pensarfazer* a pesquisa em educação, onde se faz necessária a construção de alternativas contra-hegemônicas de trabalho e compreensão.

Inicialmente o termo cotidiano remete a um entendimento de rotina, de dia-a-dia, hábitos e costumes, deveres e fazeres que cotidianamente tenhamos, produzimos e sentimos sempre de uma mesma maneira, ocultando nossas ações, apontando-as como rotineiras. Pais (2003), na busca de entender o cotidiano de maneira contrária a uma simples constatação simbólica, aponta que no cotidiano está a possibilidade de sentir diferentes noções. Inicialmente o cotidiano seria o que no dia-a-dia se passa, mesmo quando nada aparentemente se passa, ou seja, no cotidiano coexistem ações, sentidos, formulações e produções epistemológicas.

Pais (2003), em seu texto, traz uma discussão interessante acerca dos estudos sociológicos que se fazem como ouriços e os saberes não alinhados do campo da sociologia. Para o autor, a legitimação de modelos e verdades científicas dá-se pelo fato de que ambos pressupõem aperfeiçoar performances que fabricam uma dada realidade do social, como base em estatutos e teorias que na maioria das vezes pairam sobre a sociedade como hábitos e totens científicos, onde a própria ciência traduz-se em representações coletivas de uma aparente face do cotidiano. Neste sentido, as regras da razão subordinam o saber e a produção do conhecimento a uma lógica do valor de uso e troca que este exerce sobre a sociedade.

Na contramão deste modelo e tendências fixas, a sociologia do cotidiano procura usar a teoria de maneira distinta, principalmente pelo fato que teoria e prática

de pesquisa são indissociáveis, ou seja, todo e qualquer pressuposto teórico que anime certa pesquisa vai partir do cotidiano e suas diferentes noções e nuances. Como vias de desvio, Pais (2003) aponta que para estarmos atentos a tais vias e possíveis brechas que os saberes, antes alinhados no entendimento da sociedade, possuem para criarem-se espaços, outras brechas e intervalos no campo dos saberes desalinhados. Daí que a sociologia do cotidiano é, sobretudo, um *espaçotempo* de produção de sentidos que comumente estão ligados a detalhes que fermentam a impossibilidade de estabelecer padrões de uma totalidade nas localidades do cotidiano.

Em suas palavras, Pais (2003, p. 30) esclarece que:

Neste percurso de “trespasse”, a sociologia do cotidiano corresponde mais a uma perspectiva metodológica do que a um esforço de teorização, a menos que se ressuscite a acepção antiga (de tradição grega) do termo “teoria”, que significava “panorama”, “descrição ordenada e compreensiva” – à margem das normas, leis, preceitos e regras que dominam os grandes quadros teóricos, de natureza mais explicativa. Em que consiste a perspectiva metodológica do cotidiano? Precisamente em aconchegar-se ao calor da intimidade da compreensão, fugindo das arrepiantes e gélidas explicações que, insensíveis às pluralidades disseminadas do vivido, erguem fronteiras entre os fenômenos, limitando ou anulando as suas relações recíprocas.

Os fios cedidos por Pais (2003) em sua perspectiva de entendimento e compreensão do cotidiano, enquanto local de permanente produção, (re)significação e legitimação de conhecimentos, mostra-se ainda como um viés metodológico para se pensar/fazer/sentir a pesquisa em educação nos/dos/com os cotidianos, que busca pensar/fazer/sentir os espaços escolares e não escolares cotidianamente em sua pluralidade para além de sua rotina.

Como perspectiva metodológica as pesquisas *nos/dos/com os cotidianos* trazem caminhos possíveis para orientar meu vadiar pelo cotidiano escolar e suas plurais maneiras de se fazer e criar conhecimentos. As “premissas necessárias” para desinvisibilizar os cotidianos e suas lógicas em redes apontam que ver/rever o/no cotidiano de uma escola de educação em tempo integral vai requerer outras lógicas e noções metodológicas que vão emergir cotidianamente.

Alves (2008) aponta que o cotidiano é um “objeto” complexo, que exige também

métodos complexos para conhecê-lo. Seguindo essa trilha, alguns aspectos abrem caminho para compreender a complexidade: o pesquisador pode pautar-se pelo *sentimento do mundo* e não apenas olhá-lo a partir de analogias no/do/com o cotidiano, ou seja, *virar de ponta cabeça; beber em todas as fontes*, indo além dos modos de produzir conhecimento do pensamento herdado, dedicando-se a buscar e aprofundar outras fontes, tecendo novos saberes; e não menos importante, *narrar a vida e literaturizar a ciência*, sempre em conjunto com os nossos sujeitos de pesquisa.

e pesquisar nos/dos/com os cotidianos...

A metodologia de trabalho nos/dos/com os cotidianos aponta alguns movimentos necessários e toma como premissa o que Alves (2008) busca denominar, pedindo licença a Drummond, de *sentimento do mundo*, presente na capacidade que devemos ter de não apenas olhar o mundo e sim senti-lo, em todas as suas nuances, possibilidades e pontos de vista.

Estando assente no sentimento do mundo a autora discute cinco movimentos necessários, mas não únicos, de estar aberto a sentir o cotidiano onde se passam nossas pesquisas, o primeiro deles dar-se-á através de um *mergulho* na “realidade” cotidiana e para “apreender essa ‘realidade’ é preciso estar atento a tudo o que nela se passa, se acredita, se repete, se cria e se inova, ou não” (p. 21) e lembrando Pais (2003) sentir o cotidiano mesmo quando nada aparentemente se passe nele, este movimento nos possibilita entrelaçar e laçar fios e redes ligados aos *saberesfazer*, às práticas e aos sujeitos cotidianos em suas multiplicidades, buscando no diálogo atento, o fôlego necessário para o constante mergulho.

Seguindo pelas trilhas dos estudos nos/dos/com os cotidianos um segundo movimento que se chama: *virar de ponta cabeça*, surge no trabalho com a preocupação que o conhecimento tecido em rede, pode estar na contramão do estabelecimento de noções teóricas como verdades únicas e sim como limites. Isso quer dizer que virar de ponta cabeça os estudos que realizamos será indiciar aspectos, noções e pressupostos epistemológicos, nos quais a base está em vislumbrar os *espaçotempos* cotidianos de práticas e redes como critério e referencial epistemológico, colocando-nos frente à necessidade de ter sensibilidade para perceber

a teoria como limite. (ALVES, 2008)

Um terceiro movimento das pesquisas nos/dos/com os cotidianos escolares é entendido como o *beber em todas as fontes*. Se o mergulho e o ato de virar de ponta cabeça nos coloca face a uma diversidade de discussões, este terceiro movimento aponta que é necessário pensarmos que além daquilo que possamos “agrupar”, sistematizar e contar, é possível ainda encontrar e se encantar com outras possibilidades de leituras, de sistematização e agrupamento, tendo como ponto de partida as múltiplas maneiras com as quais é possível encontrar as fontes de minha pesquisa, ouvindo, olhando e escutando atentamente o que consideramos como fontes.

Nas anotações de diários de campo, nas conversas com as professoras, nos desenhos e imagens fotográficas, dentre outros, tem-se a importância de incorporar tanto o diverso como a totalidade das expressões individuais e coletivas nessas fontes, assumindo a heterogeneidade ao avesso dos referenciais e fontes de pesquisa tidos como pontos decisivos de desvelar do real. Como na imagem da rede de caçar borboletas de Certeau, trazida por Alves (2008), é necessário tecer outras redes que capturem as diferenças, as histórias que os sujeitos praticantes do cotidiano têm a contar, as experiências pensadas/vividas e sentidas, sejam de todas as possíveis fontes nas quais posso beber.

Com os movimentos apresentados até então se pode apreender que o ato de pesquisar e tecer pesquisa nos/dos/com os cotidianos pressupõe outra abordagem de materializar os sons, os cheiros, os gostos etc. que se compreendem e com eles legitimam outras formas de tecer conhecimento e redes em nossos “relatórios”, uma alternativa viável está em outro movimento que Alves (2008) apresenta como *narrar vida e literaturizar a ciência*, que irá compor outras maneiras de se tecer nossas pesquisas.

Ao discutir a questão da escrita e sua importância na configuração de um dado “modelo” de sociedade, a autora aponta a necessidade de perceber a multiplicidade de expressões que estão presentes em nossas sociedades e que talvez não pudessem apenas ser tidas como escritas, já que na maioria das vezes eles não obedecem a uma linearidade, seja em sua construção, seja na sua apresentação, por indicarem caminhos

de uma *escritafalada*, *falaescrita* ou uma *falaescritafala*, ou seja, caminhos de uma narrativa.

Encontrando na narrativa um caminho em potencial para abordar as expressões linguísticas implicadas pelos cotidianos, a autora ainda ressalta que a narrativa de uma história e/ou fato cotidiano não constitui uma mera descrição do mesmo, fazendo-se necessária a incorporação da ideia de que ao narrar uma história a fazemos como um *narrador praticante* que entrelaça e traça os fios e redes apresentados que chegam até o pesquisador. Como em uma *arte de contar histórias* é possível narrar a vida cotidiana dentro de sua própria vida, sons, cheiros, gostos... (ALVES, 2008).

É interessante perceber que em todos os movimentos necessários a uma pesquisa no/do/com o cotidiano a centralidade das ações envolve os sujeitos que as praticam, exercem, criam e narram suas histórias. Neste sentido, tem-se um quinto movimento que Alves (2008) define como *Ecce femina*, que abarca os homens e mulheres que cotidianamente nos auxiliam a fazer pesquisa, onde o coletivo é fundamental para a compreensão e sistematização de tudo o que envolve as abordagens cotidianas da pesquisa.

Os envolvidos na/da pesquisa deixam de serem objetos, para serem sujeitos que sentem o mundo, o viram de ponta cabeça, bebem em todas as fontes e narram suas vidas, ou seja, participam ativamente da pesquisa coletivamente com o pesquisador, pois "o grande desafio (...) é o de saber tecer em conjunto os diversos saberes e os diversos códigos numa visão pluralista e multifacetada do mundo (CALVINO, 1990, p.127)

Pesquisar nos/dos/com os cotidianos, parece razoável crer, será o sinônimo de deparar-me com as incertezas, tendo como companheira a dúvida e talvez o assombro, enveredando-me pelo cruzamento das múltiplas dialéticas, entre o "rotineiro" e o "acontecimento". Esse percurso pode desinvisibilizar os elementos que o engendram: a multiplicidade e a fluidez, na medida em que me interessa no/do/com o cotidiano os processos através dos quais micro e macroestruturas são produzidas assim como as práticas sociais produtoras da realidade social em/na sua cotidianidade. (OLIVEIRA; ALVES, 2008)

...com imagens e suas narrativas

Revista Communitas V1, N1, (Jan-Jun) 2017: Se ninguém te ouve: escreva!

Pensar nas possibilidades que os estudos nos/dos/com os cotidianos trazem leva-me ao encontro de outros fios e redes com os quais posso tecer junto a outros pesquisadores uma reflexão que envolve o uso de imagens na pesquisa em educação junto daqueles que se dedicam a trabalhar com os cotidianos sejam escolares ou não – Alves e Andrade (2010), Ciavata e Alves (2004), Sgarbi (2005) – suas imagens e narrativas através de desenhos, cartuns e fotografias, entendendo esta última enquanto *fonte de pesquisa*, como afirma Martins (2008), para narrar as experiências cotidianas da pesquisa.

Flusser (2009) atribui à imagem a noção de uma superfície que pretende representar algo inserido num *espaçotempo*. Sua origem liga-se intimamente às dimensões que envolvem sua criação e reprodução, visto que enquanto capacidade de abstração do real a imagem e suas abstrações do imaginário fornecem uma reflexão sobre suas dimensões imagéticas. Entendo que a compreensão imagética se dá nos planos pelos quais as imagens são constituídas, o significado decifrado aparenta as mediações entre o homem e o mundo.

Para tal, aponta o autor, que a *imagem técnica* produzida pelos aparelhos fotográficos leva em consideração um gesto de fotografar que salte sobre as regiões e dimensões aparentes no campo da visão para encontrar com um *espaçotempo* onde outras regiões permutem aquilo que se deseja imprimir na superfície fotográfica, ou seja, o ato de fotografar é composto de saltos imaginários que possibilitam as imagens estabelecerem possibilidades imaginárias inesgotáveis.

No trabalho com fotografias, Alves e Andrade (2010) lembram que se fazem necessárias duas discussões: a primeira cabe ao campo do fotográfico que engloba as escolhas, o que fez e o porquê do registro em imagem fotográfica de uma determinada situação; e a segunda que parte do fotógrafo, que levando em consideração a urgência da transmissão de uma verdade social, ou não, dependendo da função e informação que se deseja vincular à fotografia, estabelece determinados parâmetros de interpretação. No entanto, graças à capacidade que a fotografia tem de atribuir e permitir múltiplas leituras, esta quando vista ou revista subverte e inverte os dois pontos destacados.

No que diz respeito às ocultações e revelações que a fotografia tem

na/da/sobre a vida cotidiana, as múltiplas facetas de leituras e proposições que levam ao ato de fotografar, Martins (2008) lembra que os processos fotografáveis e a máquina fotográfica não podem literalmente serem consideradas como objetos de (re)produção da “realidade” social frente à subjetividade que envolve o momento de “congelamento” do cotidiano. Neste sentido, pode-se compreender a fotografia como um componente de funcionamento da vida entre tensões daquilo que se deseja ocultar e/ou revelar.

O interessante é perceber e reconhecer o caráter polissêmico da imagem, uma que vez o ato de fotografar não congela o que de fato está no social e sim nutre a interpretação de uma contínua sociabilidade em fluxo, que por vez ou outra, vai agregar e (re)definir significações de um aparente “congelamento” de imagem, ou seja, o “retrato” da sociedade. Assim como aponta Martins (2008), sobre a imagem:

Vista como um conjunto narrativo de histórias, e não como mero fragmento imagético, se propõe como memória dos dilaceramentos, das rupturas, dos abismos e distanciamentos, como recordação do impossível, do que não ficou e não retornará. Memória de perdas. Memória desejada e indesejada. Memória do que opõe a sociedade tradicional, memória do comunitário que não dura, que não permanece. Memória de uma sociedade de rupturas, e não de coesões e permanências. Memória de uma sociedade de perdas sociais contínuas e constitutivas, de uma sociedade que precisa ser recriada todos os dias, de uma sociedade mais de estranhamentos do que de fatos. (p. 45)

Espaçotempo de memória, de vidas, de cotidianos e narrativas, as imagens fotográficas tomam uma dimensão importante e fundamental para a (re)leitura nos/dos cotidianos, visto que pode-se elencar imagetivamente as ocultações e (re)velações das redes de significados e conhecimentos tecidas pelos sujeitos praticantes, sobretudo quando é possível fazer da imagem fotográfica um espelho através do qual adentramos e percorremos os sentidos, as divagações e indagações que fazem parte de um negativo (e positivo) do gesto fotográfico.

Manguel (2001) aponta para a possibilidade de interpretação e da tradução

narrativa da qual a natureza e seus frutos do “acaso” são possíveis, a partir de riscos, rabiscos, sons e imagens, onde ocorre um paralelo entre palavras e imagens, no qual se pode reconhecer a experiência de um mundo. As imagens que se apresentam em nossa consciência, sejam encerradas por um moldura e/ou soltas em nossos sentidos, fluem em (re)descobertas, associações e combinações, que com palavras emprestadas podem ser lidas, faladas e escritas independente do tempo que dispomos para contemplá-las e narrá-las.

Nas relações que se estabelecem no vislumbrar da imagem fotográfica e em sua leitura, pode-se atribuir a elas uma ampliação do que inicialmente estaria limitado pelo “congelamento” imagético, perante o caráter temporal de um antes e depois. Com isso, a leitura e o decifrar imagético podem ser possíveis no vaguear pela superfície da imagem denominada por Flusser (2009) como *scanning* que seguirá a estrutura da qual se constitui sua superfície. O ato de vaguear estabelece as conexões temporais, nas quais o ato de estabelecer marcos temporais torna-se infinito e inesgotável na (re)organização e tessitura de redes compreensivas das narrativas imagéticas.

Neste sentido, com o gesto de fotografar para narrar através das imagens o cotidiano com o qual me disponho a dialogar, levo em consideração um espírito coletivo, seja na captura das imagens, seja em suas leituras, sendo importante destacar o aspecto referente a uma tomada de consciência de que os sujeitos praticantes da vida cotidiana constroem outras narrativas que podem e vão influenciar as minhas, com suas fragmentações e ocultações, (re)ordenando imaginariamente o que era tido como irrelevante na/da vida cotidiana.

Inicialmente, a leitura de imagens pode se parecer perdida e vazia quando se é levado em consideração à ampla dimensão de possibilidades deste recurso, mas é importante destacar e tecer que as imagens e suas narrativas oferecem pistas sobre algo que estaria aparentemente não-visível em seus fragmentos constitutivos. Um “elefante atrás da orelha” é elemento fundamental para o uso da imagem nas pesquisas nos/dos/com os cotidianos, não nos deixando levar para a sua utilização como meras ilustrações ou pela ilusão de que a imagem traz em sua leitura uma verdade absoluta mas sim, estar atento à multiplicidade dos processos de tessitura dos conhecimentos.

Assim a leitura de imagens vai ao encontro de redes que se constituem através das narrativas que as imagens carregam, pois “nenhuma narrativa suscitada por uma imagem é definitiva ou exclusiva, e as medidas para aferir sua justeza variam segundo as mesmas circunstâncias que dão origem à própria narrativa” (MANGUEL, 2001, p 28).

O alerta referente ao uso das imagens na pesquisa em educação pode ser corroborado na leitura que Fischman (2004) faz sobre o uso desta alternativa como fonte de pesquisa ligada na necessidade de incorporar “criticamente, a noção de investigação e reflexão sobre o que vemos, e como essas imagens são construídas e reconstruídas por todos os participantes” (p. 119). Usada para “dar voz” e/ou fazer surgir imagens congeladas de uma “realidade” em permanente fluxo, já que o pressuposto imagético da pesquisa pressupõe a sua incorporação, tendo como ponto de partida à vida cotidiana e seu imaginário ético e estético.

Como um aspecto metodológico no/do uso e leitura de imagens, Kossoy (2009) busca evidenciar quatro pontos que são pertinentes de serem destacados para “finalizarmos”. Um “guia de orientação” do trabalho cotidiano para a pesquisa em conjunto com alguns dos movimentos necessários apresentados inicialmente para se pensar/fazer/sentir a pesquisa nos/dos/com os cotidianos escolares.

O primeiro deles está em ressaltar uma criticidade e um viés criterioso para compreendermos o *mergulho* no cotidiano com as imagens enquanto fontes. Neste sentido, Kossoy (2009), ressalta as seguintes questões: “*quem constituiu as fontes? Em que condições? Para quê? O que expressam? O que dizem e o que não dizem?*” (p. 157), através das quais é possível nos colocarmos em constante alerta e dúvida. Viver as (in)certezas que se tem *a priori* em nossos sentidos sobre os modos de se *fazertecer* conhecimento em rede em imagens.

Os questionamentos nos colocam em face de necessidade de entender o mundo e vivermos em sua incompletude, na medida em que como Freire (????) somos seres inconclusos e com isso em constante reformulação. Ou seja, as questões que podemos fazer a um certo grupo de fontes imagéticas hoje podem não ser as mesmas no futuro, por sermos sujeitos que inseridos no/do mundo experimentos, vivemos e tecemos outras redes de conhecimentos cotidianamente, o que de certa forma acarretaria na compreensão e no questionamento de nossas fontes de pesquisa, as

imagens fotográficas.

Outro fator importante nesse primeiro aspecto é os fragmentos de uma série e/ou acervo fotográfico a ser pesquisado pode ser entendido como um dado tema da vida, algo que aconteceu no *espaçotempo* em que aparentemente nada aconteceu, mas esta registrado fragmentariamente pelas fotografias e o que nelas se vê reunidas são recortes, escolhas que expressam diferentes significados, apresentando ainda silenciamentos ou não.

Kossoy (2009) aponta que no uso das imagens fotográficas é necessário “*não esquecer que as fontes só começam a falar a partir do momento em que as interrogamos, e que a qualidade das respostas que elas podem dar coincide com a qualidade das questões que se formulam.*” (p.158). Levando ainda em consideração que “*ressaltar que as fontes não dizem tudo, não podem dizer tudo – mesmo quando as lemos escrupulosamente e formulamos as perguntas certas*” (p. 159).

A proposta de *virar de ponta cabeça e beber em todas as fontes*, dos estudos nos/dos/com os cotidianos, creio estarem ligadas intimamente aos dois aspectos acima apontados, pois se faz necessário para a prática cotidiana de pesquisa certa criticidade no sentido de que ao explorar o campo imagético, podemos através de diálogos, questionamentos, etc. problematizar a leitura das imagens e com isso nos aproximar da discussão que Kossoy (2009) aponta, uma vez que o campo iconográfico das imagens podem trazer diferentes formas de abordagem da sua compreensão.

A partir disto, pressupõem-se que vai estar no uso da teoria como limite um percurso capaz de fazer emergir das fontes outras leituras possíveis, entendendo ainda que referente às fotografias da vida cotidiana que escolhemos para fazer parte do nosso corpus de análise são fragmentos e carregam consigo relações subjetivas as quais nos impõe em sua leitura conhecer bem mais do que já conhecemos, sendo através do ato de beber em todas as fontes possíveis um caminho plausível para o entendimento da multiplicidade presente nelas.

Versando sobre a exigência ética, o mesmo autor busca ressaltar que o pesquisador “*seja particularmente escrupuloso e prudente e que seja guiado por uma concepção rigorosa da verdade histórica*” (KOSSOY, 2009, p.159). Neste sentido, podemos nos aproximar das noções que construímos ao *literaturizar a ciência* e tomar

a *ecce femina* enquanto ponto focal no/do trabalho da escrita, da abordagem e narrativa das fontes e vozes no/do/com o cotidiano no qual nos propomos a pesquisar. Na medida em que uma pesquisa onde os aspectos ligados ao social e as instituições envolvidas, requer não apenas a legitimação dos sujeitos envolvidos, mas também o respeito pelas suas relações e suas identidades.

Para darmos um final (mas sem nada a concluir)...

Enquanto possibilidades e potências de trabalho que repercutem em instâncias reflexivas que buscam legitimar o *espaçotempo* do cotidiano escolar como via de permanente produção de conhecimento, onde as *redes de conhecimento* tecidas levam à emergência e os sujeitos praticantes reconhecidos enquanto sua complexidade. O diálogo dos estudos nos/dos/com os cotidianos com a prática e leitura de imagens fotográficas, alicerçados numa coerência ética, com a vida cotidiana, se encharcam de uma noção de pesquisa em educação que podem apresentar as nuances de legitimação dos conhecimentos que até então eram excluídos e silenciados por uma objetividade e racionalidade de pesquisa que atribuía ao cotidiano imagem de mera repetição e não vitalidade.

Se a possibilidade de pesquisarmos com imagens e suas narrativas trazem a tona diálogos entre as diferentes experiências e práticas cotidianas captadas em imagens, fica a expectativa do confronto de nossas experiências com as experiências que nos são (im)postas, mesmo quando a pluralidade e a diversidade insistem em aparecer, tanto em nosso cotidiano, quanto em nossas leituras e narrativas imagéticas, com isso é mais do que chegado o momento de nos centralizarmos a tudo e todos que tecem o cotidiano.

Assim, devemos entender e assumir que aos mergulharmos nos/dos/com os cotidianos, destaco aqui o escolar, não podemos nos furtar da luta de desinvisibilizar destes a multiplicidade que vai além daquilo que podemos inferir inicialmente, onde o conhecimento e o reconhecimento dos *espaçotempos* cotidianos não se resume ao que está diante de nossos olhos e muito menos ao que a simples leitura de imagens é possível interpretar, exigindo ainda de nós um grande esforço para nos livrarmos de nossos juízos para então podemos pensar/viver/sentir a vida, as narrativas e as

memórias imagéticas em sua diversidade, já que o momento de ontem não retorna ao hoje em sua plenitude e nunca irá se repetir igualmente...

Referências

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de. Pesquisas em currículos através de imagens e narrativas de professores. In: ENCONTRO NACIONAL DE DIDÁTICA E PRÁTICA DE ENSINO, 15, 2010, Belo Horizonte. **Anais...** Belo Horizonte: UFMG, 2010. 1 CD-ROM.

ALVES, Nilda. ANDRADE, Nivea. Possibilidades de escrita da história imagética de uma universidade. In: Seminário do Laboratório Educação e Imagem, 5., 2010, Rio de Janeiro. **Anais...** Rio de Janeiro: UERJ, 2010. 1 CD- ROM.

ALVES, Nilda. Sobre movimentos das pesquisas nos/dos/com os cotidianos. In.: ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de.(orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes e saberes.** Petrópolis: DPetAlli, 2008, p. 39-48.

ALVES, Nilda; OLIVEIRA, Inês Barbosa de.(orgs.). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes e saberes.** Petrópolis: DPetAlli, 2008.

ALVES, Nilda. Imagens das escolas. In: ALVES, Nilda; SGARBI, Paulo. (orgs). **Espaços e imagens na escola.** Rio de Janeiro: DP&A, 2001, p. 7-18.

FISCHMAN, Gustavo E. Reflexões sobre imagens, cultura visual e pesquisa educacional. In.: CIAVATTA, Maria; ALVES, Nilda. (orgs) **A leitura de imagens na pesquisa social: história, comunicação e educação.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2008, p. 109 – 126.

FRANCASTEL, Pierre. **A realidade figurativa.** Perspectiva: São Paulo, 1973.

FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta: ensaios para uma futura filosofia da fotografia.** Rio de Janeiro: Sinergia Relume Dumarã, 2009.

KOOSY, Boris. **Fotografia e história.** 2. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.

MANGUEL, Alberto. **Lendo Imagens: uma história de amor e ódio.** São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

MARTINS, José de Souza. **Sociologia da fotografia e da imagem.** São Paulo: Contexto, 2008.

OLIVEIRA, Inês Barbosa de; ALVES, Nilda. (orgs). **Pesquisa nos/dos/com os cotidianos das escolas: sobre redes de saberes.** Petrópolis: DPetAlli, 2008.

PAIS, José Machado. **Vida cotidiana.** São Paulo: Cortez, 2007.

LER IMAGENS NOS/DOS/COM OS COTIDIANOS ESCOLARES: QUESTÕES QUE NOS PERMEIAM

Resumo: O presente artigo deriva das discussões teórico-metodológicas dialogadas com as noções das pesquisas *com os cotidianos*, onde busco tecer as redes necessárias para a compreensão das singularidades das práticas escolares cotidianas, a partir de imagens fotográficas captadas no/do cotidiano escolar. Entendo as fotografias como fontes de pesquisa, buscando ressaltar uma criticidade e um viés criterioso para a compreensão do *mergulho* no cotidiano e dele fazer emergir diferentes potências de trabalho, a partir das imagens captadas. Neste sentido, encontro em Kossoy (2009), as seguintes questões: “*quem constituiu as fontes? Em que condições? Para quê? O que expressam? O que dizem e o que não dizem?*”. Através dos questionamentos apontados é possível, e necessário, nos colocarmos em constante alerta e dúvida, para a partir de então buscar tecer as (in)certezas que se tem em nossos sentidos sobre os modos de se *fazertecer* conhecimento. Ainda levamos em consideração que *ler imagens* (MANGUEL, 2001) é também fomentar questões que nos auxiliem a compreender as diferentes dimensões cotidianas e suas narrativas imagéticas, nas quais o uso da teoria como limite é um percurso capaz de fazer emergir das fontes fotográficas outras leituras e outros conhecimentos nos/dos/com os cotidianos escolares.

Palavras-chaves: Leitura de imagens, cotidiano escolar; pesquisa em educação.

READ PICTURES NOS/DOS/WITH SCHOOL DIALOGUE: QUESTIONS THAT MAKE US

Abstract: This article derives from the theoretical and methodological discussions with the notions of the researches with the daily ones, where I try to weave the necessary networks for the comprehension of the singularities of the daily scholastic practices, from photographic images captured in the school everyday. I understand the photographs as sources of research, seeking to emphasize a critical and critical bias for the understanding of the daily dive and to emerge different powers of work, from the images captured. In this sense, meeting in Kossoy (2009), the following questions: who constituted the sources? Under what conditions? For what? What do they express? What do they say and what do they not say? Through the mentioned questions it is possible, and necessary, to put ourselves in constant alertness and doubt, from then on we seek to weave the (in) certainties that one has in our senses about the ways of becoming aware. We also take into account that reading images (MANGUEL, 2001) is also to foster questions that help us to understand the different daily dimensions and their imaginary narratives, in which the use of theory as a limit is a path capable of causing other reading to emerge from the photographic sources And other knowledge in / with / with school everyday.

Keywords: Reading of images, everyday school; Research in education.

LEER IMÁGENES EN LOS/DOS/CON LOS COTIDIANOS ESCOLARES: CUESTIONES QUE NO PERMITEN

Resumen: El presente artículo deriva de las discusiones teórico-metodológicas dialogadas con las nociones de las investigaciones con los cotidianos, donde busco tejer las redes necesarias para la comprensión de las singularidades de las prácticas escolares cotidianas, a partir de imágenes fotográficas captadas en el cotidiano escolar. Entiendo las fotografías como fuentes de investigación, buscando resaltar una criticidad y un sesgo criterioso para la comprensión del buceo en el cotidiano y de él hacer emerger diferentes potencias de trabajo, a partir de las imágenes captadas. En este sentido, encuentro en Kossoy (2009), las siguientes cuestiones: ¿quién constituyó las fuentes? ¿En qué condiciones? ¿Para que? ¿Qué expresan? ¿Qué dicen y qué no dicen? A través de los cuestionamientos señalados es posible, y necesario, ponernos en constante alerta y duda, a partir de entonces buscar tejer las (in) certezas que se tienen en nuestros sentidos sobre los modos de hacerse

conocer. En el caso de que el uso de la teoría como límite es un recorrido capaz de hacer emerger de las fuentes fotográficas otras lecturas, es necesario fomentar las cuestiones que nos ayuden a comprender las diferentes dimensiones cotidianas y sus narrativas, en las cuales el uso de la teoría como límite es un recorrido capaz de hacer emerger de las fuentes fotográficas otras lecturas Y otros conocimientos en los / los / los cotidianos escolares.

Palabras claves: Lectura de imágenes, cotidiano escolar; Investigación en educación

Submetido em Maio de 2017

Aprovado em Junho de 2017